



N. 1.

Sabbado

# O Critico,

1842.

15 de Janeiro.

**JORNAL CRITICO, SATYRICO, LITTERARIO, POETICO E JOCOSO.**

Este jornal sahirá quando o seu redactor, que não é lá grande conso, estiver de pachorra, e sabirá de dia claro, com sol fora, e sem que haja chuva. Os numeros avulsos vendem-se, alem de nesta typ., nas lojas do costume, desde manhã, até a noite: o preço, em portuguez é quatro vintens. O *Critico* adverte, á quem convier, que brinca com todos, os que quizerem brincar com elle, e que não dá cavaco com pessoa alguma.



Difficile est Satiram non scribere Nam quis iniquae  
Tam patiens urbis, tam ferreus ut teneat se?

JOURNAL, SAT. 1°.

## O CRITICO.

É sob este titulo que nos resolvemos a publicar uma folha, cujo character distincto não é por nós que será fixado. Desde já declaramos que não iniciados nas mysteriosas relações de gabinetes, nessa fina diplomacia das nações, ou antes mais propriamente falando, arte sublime de enganar impunemente aos homens, não é de nossa intenção lançarmos-nos no vasto campo da politica, onde presentemente se amaldiçoa sem saber-se o que, e se abençoa sem dizer-se pelo que... Odios á homens, disputas de primazias, orgulhosos caprichos, respeitos humanos, inimizades individuaes, gratidão á particulares favores, puras afeições, diversas sympathias, amizades de homens, ambições incommensuraveis, desejos de vinganças, exigentes clintelas, caprichosos patronatos, e illimitavel cubica de ouro, de representações, e de mandato, eis o que enche o vasio da politica, que em mais venturosos tempos era mesquinho para conter a enorme carga de um bem entendido pa-

triotismo! Deixando a balança da politica de ser aferida pelo padrão do amor da patria, collocou-se em uma de suas conchas uma dose de egoismo, e em despeito de ser a outra carregada de uma pouca de razão, de justiça e de verdadeiro criterio, aquella desceu com tanta rapidez, como o rochedo que um raio feriu, e o fez desprender do cume de uma montanha, fazendo-o rolar sob a propria gravidade até o mais baixo do visinho valle!

Se lançamos uma breve vista d'olhos sobre os jornaes politicos, que despejam presentemente os prélos desta capital, a exceptuarmos raras e pequenas passagens, aonde, por milagre, deparamos com alguns resquícios de razão, e de verdade, quanto ao mais podemos asiançar que outra cousa não são mais que paixões individuaes, interesses particulares diluidos n'um pelago de palavras harmoniosas, de phrases pomposas tão doces ao ouvido, quam amargas nos mais reconditos escondrijos d'alma dos homens honrados, em que ainda se não apagou de todo a derradeira

scintilla do sacrosanto fogo do patriotismo, que o brado divino — Independencia ou morte — fez atear das, então venturosas, margens do Ypiranga até ás ultimas orlas da terra da Santa Cruz; e finalmente argumentos subtilezas, e viciosos de uma logica especiosa, as vezes a tempo, e habilmente torcida á prol de raciocinios que não foram, nem poderam ser produção da verdade, e da convicção; fallamos a respeito dos periodicos de qualquer dos actuaes partidos.

É pois no meio do horroroso turbilhão das varias e extravagantes idéas de um seculo tão immoral e tão corrompido, como este em que infelizmente vivemos, que um coração nobre e eminentemente brasileiro doe-se, e altamente resente-se contra os instantes males da patria.

Espectadores das desgraças deste bello, mas desventurado paiz onde nascemos, e á quem tanto deu a natureza, e á quem tudo negam os homens, é em silencio que gememos sobre seus desastres, como o fiel amante no meio da noute, entre os tamulos dos mortos, chora sobre uma lapida a extincta amada que ella avara lhe esconde! Nestas circumstancias não temos ainda compartilhado as idéas politicas de pessoa alguma, nem temos augmentado as fileiras de partido politico algum, com o nosso contingente; não nos achando com bastantes forças para arrestrarmos aos convícios que simulam a politica do paiz, desde já protestamos não pegar na penna sobre o que lhe diga respeito abertamente! E todavia, quem ha ahí bravo mantenedor capaz de gentilmente remper lanças nesses campos de aereos combates em frente de tão denodados campeões? Lá se avenham os que á tanto se atrevem, e honra lhes seja feita.

Quanto á nós, é sobre outros pontos que se dirigem as nossas vistas.

A nossa folha pois tem por fim o

encomio de todos que os merecerem, a satyra aos costumes dignos disso, sem consideração á pessoa, estado, qualidade, etc., isto nos termos da decencia; e enfim aquella litteratura compativel ás nossas circumstancias litterarias; e em todas as nossas censuras será sempre preferido o estylo jocoso.

### O PORTUGUEZ.

Cremos que não será asneira prevenirmos os nossos leitores á respeito do nosso portuguez: por tanto declaramos que não é correcto, assim como a nossa dicção; que não somos mestres da lingua em que escreveram os Camões, os Barros, &c.; que si algumas vezes depararem com algum trecho alguma coisa escuro, não nos criminem por isso, pois que o não fazemos de proposito: desejamos ser muito, e muito claros, e terminantes; e para isso temos sempre na memoria este axioma —

Seja o conceito fundo,

Mas que o entenda Deus, e todo mundo,

Além deste, não nos esquece os seguintes versos do judicioso Bernardes:

Sempre porque me entendam, fallo claro:

Prezo-se quem quizer de ser enigma.

Quizera a poucas voltas dar no facto

Da sentença, que jaz no verso inclusa,

Que o muito rastejar custa-me caro.

Outro sim, acreditamos que os nossos leitores encontrarão em nossos escriptos algumas phrases menos portuguezas, barbarismos mesmos, redundancias, e gallecismos, tudo isso que-remos antes que se attribua á nossa ignorancia, que a um caprichoso proposito. Em verdade, escrever-se hoje nesse bello portuguez que tanto nos enamora nos encantadores escriptos de Ferreira, de Bernardes, de Sá de Miranda, de Jacinto Freire, e de tantos outros nossos bons maiores, é sem duvida difficilissimo, visto o contagio de gallecismos, que geralmente tem infeccionado, e totalmente corrompido as eximias bellezas da lingua de Camões.

Aproveitamos igualmente a occasião para dizermos que somos pouco ou nada amigos de affectações; que si algumas apparecerem em nossos papeis foram unicamente filhas do humor em que nos achavamos quando escrevemos, e não de um estudo feito de prevenção.

**DIALOGO ENTRE O ANNO DE 1841,  
E O ANNO DE 1842.**

1842. — Vm. faz o obsequio de desempachar o beco... bem vê que quero entrar...

1841. — Espere, Vm. um pouco, que meia noite está cahe, não cahe: entretanto queira sentar-se aqui a porta, e podemos conversar um pouco.

1842. — Pois vá feito. Ora diga-me, como se deu Vm. por cá?

1841. — Ah! Eu me compadeço de Vm. Ouça: peça a Deos que lhe seja propicio, que das maldades dos homens estou muito certo que ninguem lhe poderá livrar.

1842. — Pois deveras? Com mil diabolos!... Pois essa gente com quem Vm. lidou é toda má?

1841. — Há... há... há... Ora Vm. está de cór!... Pois que cuida? Durante uns doze mezes que por ahí andei, foi tal a indegestão que me causaram as immoralidades dos homens, que lhe juro pelas barbas de meu pai, o seculo decimo-nono, que nunca mais cá voltarei. Não é nada, em cada canto um pelintra, aqui um patife, alli um velhaco, acolá um troca-lintas; e o mais é que eram estes herões de meio caracter os que mais fallavam em honra. Todavia no meio destes haviam alguns homens de bem, de muito bons desejos... mas eu me compadezia delles; coitados!... os taes pelintras mettiam-o no meio, pontapé daqui, supapo d'alli, empurrão decá, *encapelação* de lá, atormentavam o pobre homem, acabando por dar-lhe uma completa pateada pelo defeito de ser honrado!... Vm. pas-

ma!... Pois creia, meu amigo, que ainda não ouviu nem metade do que por ahí vai!... Ora diga-me cá: quem leva Vm. por padrinho?

1842. — Como? Por padrinho!

1841. — Por padrinho, sim, senhor, por padrinho... De que se admira? Vm. vai estar entre os homens ahí uns doze mezes, vai lidar com elles; quem é lá o seu protector? Bem vê que aquelle que não tem padrinho morre pagão: e para que hade Vm., depois da sua morte ir dar com sigo, sem mais nem mais no limbo, onde nunca verá a cara do sol, quando pôde depois desta passar ao Ceo onde vevirá n'um oceano de luzes, e cheio de prazer... Ora não custa, ande, veja um protector...

1842. — Mas note Vm. que sou um filho do presente seculo; e os meus meritos?!

1841. — Como Vm. é simplorio! Confesso-lhe que eu me admiro da sua innocencia. Ora diga-me com precisão e brevidade, Vm. tem protecção?

1842. — Não.

1841. — E' rico?

1842. — Não.

1841. — Pois, meu caro irmão, meritos sem protecção é letra de cambio na mão do credor, depois do dia do vencimento, e sem estar apontada, que não tem privilegio algum.

1842. — Mas eu tenho instrucção...

1841. — Tanto peor. Instrucção sem dinheiro, e sem patronato é perola no monturo!... Em summa, meu caro, vá com esta que lhe digo, os homens de agora, com algumas honrosas excepções, são um pouco peiores que os d'outro tempo: e perante elles não valem os merecimentos dos poucos bons que ainda existem, porque a protecção é só concedida por caprichos, ou sympathias; e como Vm. não a tem, se a quer alcançar, minta, hajule, pague calotes, em fim seja um tratante, que o mais vai bem. Em fim, estou certo que da nossa raça nem um hade cá

vir tão infeliz, como eu, porque além das maldades dos homens, como si eu tivesse culpa dellas, o ceo, abrindo as cataractas lá de cima, prespegou-me um banho, que se derrama mais... mais duas, ou quatro medidas d'agua a fogo-me. Vm. não vê como ainda estou todo molhado, com os pés resfriados, e a cabeça chammejando, como por ahí anda muita gente de gravata lavada... Oh! meia noute,  
1842. — Adeos.

**UM NEGOCIO SERIO.**

Um conflicto que acaba de ter lugar entre o Sr. coronel Rangel, e o Sr. Dr. Torres Homem tem occupado todas ás attensões desta capital. O *Critico* passando em resenha todos os factos occorridos, forçado vê-se a emittir sua opinião.

Principiaremos por dizer que não conhecemos o Sr. Rangel, e que não somos amigos do Sr. Torres Homem, e quasi que podemos mesmo assegurar que não somos affectos a este Sr. : mas quando o *Critico* tem de dar a sua opinião sobre qualquer negocio, seja qual for, respeite muito embora as reputações que respeitar, as paixões humanas devem calar-se diante da critica, e a inflexivel Justiça suspendendo a imparcial balança, deva desfeichar a inexoravel espada, gema quem gemer.

Consta que o cavaco do Sr. Rangel provem de um communicado inserto no *Maiorista*. Em verdade é para lastimar que a honra de qualquer cidadão seja impunemente esmagada sob o peso dos typos: mas parece que o Sr. Rangel, em cuja limpeza de mãos acreditamos, tão longe não devia levar o seu cavaco.

O terrivel precedente de descer se do campo da politica para o sagrado dos cidadãos, e até mesmo no mais recondito de suas familias tem infeliz

mente passado entre nós impune. Chame-mos á juizo esses tempos calamitosos em que tantos immundos papeluchos infestavam esta capital: a imprensa então nada mais era que a guilhotina em que de continuo se decapitava a honra de familias inteiras, desde seu chefe, até o derradeiro famulo. Falle o Filho da Terra, e outros da mesma estofa; e certo que quem rabiscou tão infamantes papeis (o que ignoramos) não deve estranhar que hoje ainda assim se escreva. Quanto mais que o communicado inserto no *Maiorista* não atacava ao Sr. Rangel senão como empregado publico..

Todavia não obstante estas ponderações, julgamos que um abuso não justifica outro, e é por isso que não censuramos os *assomos* de S. S.: muito embora pois acommettesse ao Sr. Torres Homem com o seu chicote de cavallo mas ataca-o quando preso entre as mãos de seu ordenança lutava para ver-se livre, é uma acção assaz censuravel em um simples cidadão, quanto mais em um cidadão militar, e militar coronel! Até o momento de o Sr. Rangel investir ao Sr. Torres Homem, bem estamos: é um homem que armado de um chicote affronta a outro armado de um guarda chuva; é pois um cidadão insultado em sua honra, como elle crê, que se quer vingar; mais ferir ao seu adversario cobardemente coadjuvado por outro, é uma acção commettida por um coronel que leva o escandal o ao derradeiro soldado! É uma acção de que deve resentir-se todo o bom militar, honrado, e generoso; é uma acção pela qual essa classe de cidadãos prestantes, de benemeritos da patria, de homens em fim, que devem ser os mais polidos da sociedade deve olhar sempre para o Sr. Rangel com indifferença e tedio! Não é assim que se menospreza uma banda, esse signal da maior honra e distincção que S. M. concede aos mais prestantes cidadãos!

Consta que a esse escandaloso conflicto seguira-se o desafio feito pelo Sr. Torres Homem ao Sr. Rangel, e que impedido pela policia não tivera logar: diz-se mais que o Sr. Torres Homem apparecera no logar assignalado vinte minutos depois da hora aprazada, e se assim foi é muito máo. O Sr. Torres Homem devia dispor tudo de modo que á hora marcada infallivelmente estivesse no logar do juizo; tanto mais por ser o desafiante; mas não tiraremos disto consequencias odiosas, como os inimigos do Sr. Torres Homem, que attribuem tal demora a pouca vontade de bater-se; não, si o Sr. Torres Homem se não quizesse bater não iria nem

vinte, nem trinta minutos, e nem muitas horas depois.

Ha quem diga, nós o ignoramos, que uma satisfação fora promettida ao Sr. Torres Homem; mas seja qual for essa satisfação, proceda o governo com a justiça que quizer em tal negocio, fosse mesmo o Sr. Rangel despido de todas as suas honras, (o que não é possível, e o que a penas desaggravaria a classe militar), julgamos que nada disto desaffrontaria a honra do Sr. Torres Homem, pois que a infamia impregnada nella pelo cobarde azorrague do Sr. Rangel, só as mãos do Sr. Torres Homem podem lavar.

### O NOVO PARTO DA TERRA.

Era uma vez, a terra com gemidos  
Começa a ostremecer, e dar bramidos:  
Corre a gente assustada em vozeria,  
Pois que por toda parte se dizia  
Que a terra estava grávida, e que logo  
Daria á luz um turbilhão de fogo,  
Ou um monstro, ou porção immensa d'agoa;  
Tudo é susto, é tremor, angustia, e magoa;  
E p'ra appacar o Ceo vão os fieis  
Por esmola levar quatro mil réis  
A' certo sacerdote, que devoto  
Estima mais a esmola do que o voto.  
Timida, receosa, impaciente  
Espera o novo monstro toda gente.  
Vai se não quando assim meio calado  
Veio a luz esse monstro tão fallado.  
Corre então para elle o povo incerto  
Para prodigio tal ver mais de perto:  
E então seus receios... quem diria  
Volveram ao escarneo e á zombaria.  
Era pois o prodigio tão fallado  
Um livro,—novo principe—chamado.

COLLECCÃO BENEDICTO OTTONI

ORGANISADA PELO DR. J. C. RODRIGUES  
Doação do Dr. Julio B. Ottoni

### CARTA DE UM ESTUDANTE A UM SEU AMIGO

AMIGO—Eu Tenho recebido as vossas letras, e eu não tenho respondido por meus afazeres. A vossa carta é um

chefe d'obra; basta um golpe de vista, e elle é sufficiente por me fazer comprehender todas as suas bellezas. Por mim, sobre o que vós me tendes dito, eu sou do mesmo aviso que vós. Eu

não tenho tido muito de tempo por me render aos estudos, pela razão de muito de alazeres que eu tenho tido. Em eu me vendo livrado destas pensões vos escreverei demais.

Eu sou prompto para todos os vossos serviços.

Vosso amigo, e vosso humilde servidor.

F.

*Cuspitel!*... Que pedaço de portuguez! Nada mais sublime, nem mais puro! Em verdade, isto parece impossível... pois não é; ha quem escreva assim entre nós.

## O PARTIDO GERAL.

### ANECDOTA.

Em uma certa cidade houve uma desunião entre a camara (não sabemos se municipal) e os mais ricos proprietarios; e como quando as senhoras tomam parte nos negocios serios elles tornam-se vulgares nas assembleas das familias, nas sallas de bailes, e em toda parte, aconteceu que as amaveis senhoras que adornavam a salla de um grande baile, partidarias tanto da camara, como dos ricos, tomassem a defeza de seu partido com tanto fogo, que d'ahi resultou não poucas malquerencias; chegando este excesso a ponto de sahirem todas mal entre si, e com fitas que designassem o seu partido, e como as fitas adoptadas eram brancas e amarellas, começaram os rapazes (que gostam de ir sempre com as senhoras, porque lhes faz conta) a chamar á um partido das amarellas, e a outro partido das brancas. Havia porem um ancião respeitavel, por ser o Sr. de uma casa millionaria, e como tal era a sua opinião sobre modo respeitada. Achava-se muita gente de ambos os partidos em um banquete de annos, e o nosso aspiratio dos milhões tasquinhava, a um lado da mesa, muito desencalmadamente, um bom pedaço de assado. Alguem menos polido teve a grosseria de fallar sobre o

partido das amarellas, e das brancas; e como é nas grandes reuniões que certa gente gosta de tratar de taes negocios, isto occupou a não pouca gente da sociedade. Uma senhora mais soffrega que as outras endereçando a palaxra ao tratante do nosso millionario, perguntou-lhe qual era o seu partido, — o das amarellas. — Admirou-se muita gente de ver esta franqueza em quem só tivera habilidade para amontoar consideraveis sommas; porem uma destas senhoras que veem mais do que o que se quer, volta-se para o tal melro dizendo; — mas que amarellas? — Modas: ja se sabe. — Os das brancas enfiaram de raiva, os das amarellas exultaram; e os neutraes applaudiram o equivoco. E' exactamente o que acontece entre nós aonde temos muita gente desta, porem menos franca.

### UMA ANECDOTA.

Tendo certo soberano constitucional conferido á muitos homens de sua corte diversos titulos, deu-se n'uma salla de baile esta novidade, apontando-se o nome dos engraçados... não dos agraciados: certa senhora que alli se achava perguntou si os novos marquezes, condes, &c. eram como os marquezes, e condes do outro tempo, isto é, se tinham suas terras, como os antigos, cujas rendas arrecadavam? — Não, minha senhora, (diz-lhe um gracioso) temem só o titulo. — Então são fidalgos milicianos...

### VARIÉDADES.

Acaba de se nos offerrecer um moço para fornecer ao nosso jornal algumas peças poeticas de sua lavra; accettamos todavia o offerrecimento, e passando uma vista d'olhos sobre a tal poesia, julgamos que não era já cousa para que se dicesse — benza-te Deos. Reflexionando isto ao author, respondeu-nos

soberba, e emphaticamente na lingua dos padres — *Nemo dat quod non habet, nec plus quam habet.* — E quem lhe encommenda o sermão? — Ah! sim, senhor; não se incommode por isso porque eu o prego de graça... — Ora... mas esse incommodo... — Ah! é o mesmo... Sem cerimonia... — Bem; fará o que quizer. — Tal foi o nosso breve dialogo com o bello do poeta; e como isso vai de meia-cara, e nós não somos pobres soberbos... aceitamos.

### BRINCADEIRA:

Dizia um certo pelintra  
A outro muito enfezado,  
— Se um emprego me não dão  
Desta vez, morro enforcado. —  
— E eu não posso soffrer  
Já cansado de esperar  
(Diz o outro) se me logram  
Desta vez, deito-me ao mar. —  
Chega nisto um recrutante:  
— Em que se occupam, senhores? —  
Olharam um para o outro  
Em silencio, e com tremores.  
— Os Senhores não respondem? —  
— Nós 'stamos desoccupados... —  
— Por erro da natureza.  
Pois bem; vão ser empregados.  
Os senhores estão presos... —  
— Senhor, nós somos quebrados. —  
— Por esta mesma razão  
Podem servir pr'a soldados. —  
Presos, o tal recrutante  
Mil vezes ao demo deram;  
Porém sem o esperarem  
Ambos empregos tiveram.

### ROMANCE.

A bordo o ferro se arranca,  
Sopra o vento lisongeiro.  
A lanchar na praia abica,  
So se espera o passageiro.  
Prêtes o navio larga;  
Passageiro, acude, acude,  
La se desferem as velas  
Ao som da celeuma rudé.

Eil-o dos braços mimosos  
De sua amada arrancado,  
Eil-o já sobre o convés  
Entre angustias desmaiado.  
Distante da curva praia,  
Nesse peço que o encerra,  
Torna a si o triste amante,  
Seus olhos embebe em terra.

Quanto mais mar se desdobra,  
Mais a terra se escondia,  
Mais se devolve a tristeza,  
Mais se dessipa alegria.

Quem é esse que suspira  
Vendo sumir-se as montanhas?  
E' um joven brasileiro,  
Que vai ver terras estranhas.

Saudade do paes, e patria  
E' seu mal sua ruina,  
Porem inda mais que delles  
E' a saudade de Alvina.

Nada mais elle deseja  
Que o momento de voltar  
Outra vez á terra amada,  
P'ra sua Alvina abraçar.

Quem é esse que na europa  
Em pranto encara as montanhas?  
E' um joven do Brasil,  
Que anda por terras estranhas.

Defeito chega o momento  
De á cara patria voltar;  
Vem á sua bella Alvina  
Suas viagens contar.

Mar em fora para a America  
La vem galé portugueza,  
Ja das Brasileas montanhas  
Descobre ao longe a grandeza.

Quem é esse que contempla  
Alegre as patrias montanhas?  
E' um joven brasileiro,  
Que vem de terras estranhas.

Cogita se ousara Alvina  
O juramento quebrar;  
Alvina, que lhe jurara  
A' elle somente amar.

Salta apenas, e se parte,  
Vai caminho da morada  
Da sua mimosa Alvina,  
De sua Alvina adorada.

Ja então do horizonte  
O sol tinha decahido,  
E sobre a porta, pancadas  
Tres vezes tres bate Guido.

—Quem bate, (diz um escravo)  
Assim com forças tamanhas?—  
E' Guido, que sette annos  
Andou por terras estranhas.

Quero fallar com Alvina,  
Onde está? eu quero a ver?—  
—Está na igreja a estas horas;  
Senhor, se foi receber.—

Chega ao templo; já é tarde,  
Alvina já está casada;  
Ella ama o seu consorte,  
Ella é por elle amada.

'Stao na sala os convidados,  
Entra no seu quarto a bella;  
Um vulto alli a surprehende  
E' Guido!... Que fará ella?

Olha á ingrata e rancoroso  
Lhe brada em furias tamanhas:  
—O' ingrata Alvina, Guido  
Volta de terras estranhas.—

—Ha sette annos te perdi,  
Dous annos por ti chorei,  
Ha quatro annos amo a outro.  
Com quem hoje me casci.

Vai-te pois, Guido, e me deixa,  
Não enluctes este instante;  
Deixa me viver feliz,  
Vai procurar outra amante.—

—Eu não procuro outra amante,  
Porque é teu meu coração:  
Segundo o teu juramento  
E' só minha a tua mão.—

—Minha mão ja não é tua,  
Dei-a á outro neste instante;  
Não faças minha ruina,  
Vai procurar outra amante.—

—Eu não procuro outra amante,  
Que proceder fôra inico:  
Si amas outro pelo ouro  
Eu tambem sou muito rico.—

—Não quero, Guido, teu ouro,  
Nem teu thesouro brilhante,  
Quero viver com quem amo;  
Vai procurar outra amante.—

—Eu não procuro outra amante:  
Decide pois tua sorte;  
Ou doves ser minha, ou hoje  
Dou á teu esposo a morte.—

—Si dás a morte á quem amo  
Tambem me farás morrer,  
Pois aquelle á quem adoro  
E' vida do meu viver.—

—Si é vida do teu viver,  
Hoje mesmo, e á mesma hora  
Hade tragar o inferno  
Sua alma, e a tua, trahidora.—

—Guido, suspende o furor...  
Pequei contra ti, pequei!  
Confesso a minha fraqueza,  
Esqueci a quem amei...—

Mal diz a palavra—amei—  
Parte das sombras um vulto;  
Com um ferro ao coração  
Lhe arroja mortal insulto.

Mal o vulto crava o ferrô  
Brada com voz de trovão:  
—Expira ingrata, e recebo  
O premio dessa trahição!...

Prestes mãos de cavalleiro  
Levou Guido de uma espada;  
Entre o esposo e o amante  
Eis a peleja travada.

Entrega o peito na ponta  
Dessa espada enfurecida  
De Guido o misero esposo,  
E cahe por terra sem vida.

Em ancias da morte exclama:  
—Eu morro, porem vingado...  
Matei aquella que dice  
Nunca ter a Guido amado...—

Dice, e morre. Eucara Guido  
A' Alvina morta em seu leito;  
E um duro punhal agudo  
Com furor crava em seu peito.

Assim que o golpe desfeicha,  
Cahe sem vida sobre o chão...  
Mortaes, que exemplo tão triste  
Do amor, e da trahição!...

S.